



História Unisinos

E-ISSN: 2236-1782

efleck@unisinos.br

Universidade do Vale do Rio dos Sinos
Brasil

Staudt Moreira, Paulo Roberto; Garcia Pinto, Natália
O cadáver de um preto, que parecia ser crioulo: a morbidade dos trabalhadores escravos
em Porto Alegre e Pelotas (1830/1850)
História Unisinos, vol. 15, núm. 1, enero-abril, 2011, pp. 122-125
Universidade do Vale do Rio dos Sinos
São Leopoldo, Brasil

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=579866826014>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Notas de Pesquisa

O cadáver de um preto, que parecia ser crioulo: a morbidade dos trabalhadores escravos em Porto Alegre e Pelotas (1830/1850)

The corpse of a black, who seemed to be creole: The morbidity
of slave workers in Porto Alegre and Pelotas (1830/1850)

Paulo Roberto Staudt Moreira¹

staudt@unisinos.br

Natália Garcia Pinto²

nataliag.pinto@gmail.com

Corria o dia 14 de setembro do ano do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de 1846, quando o subdelegado de Polícia de Pelotas Joaquim de Faria Corrêa recebeu a notícia de ter aparecido na frente do portão do cemitério da cidade o cadáver de um homem preto. A autoridade imediatamente mandou que seus subordinados investigassem o caso, sendo produzido um corpo de delito feito pelo cirurgião-mor que dizia ter sido encontrado:

*o cadáver de um preto, que parecia ser crioulo, vestido de camisa de chita cor de rosa, calça de algodão trançado branco, e envolvido por um lençol de algodão-zinho, tendo o dito cadáver uma ferida na cabeça, faltando-lhe parte da carne do rosto, os olhos, as orelhas, e polpa dos dedos do pé esquerdo, conhecendo-se visivelmente terem aquelas partes do corpo sido comidas pelos ratos, talvez na noite anterior, em qual exame nada fora encontrado que pudesse dar lugar a suspeita de uma morte não natural.*³

¹ Professor da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Doutor em História pela UFRGS, Pesquisador CNPq.

² Graduação em História (FURG), mestranda do PPGH da Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

³ Auto de Exame de Corpo de Delito. Processo de número 132, Maço 4A, Estante 36. Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul (APERS).

⁴ Trata-se do cirurgião José Demazzine e do Doutor Justino José Alves Jacutinga e das testemunhas José Duarte Silva e Manoel José da Costa.

Fazia parte do serviço *ordinário e habitual* da polícia da época “pôr em boa forma os cadáveres encontrados nos caminhos ou nos campos, dando logo parte à autoridade competente” (Moreira, 2009, p. 32) Assim, logo que recebeu *parte verbal* da existência deste cadáver, o Subdelegado Joaquim de Faria Correa chamou seu escrevão e mandou que ele intimasse dois cirurgiões e duas testemunhas para averiguar o ocorrido. Foram estes cirurgiões que examinaram o cadáver ainda no cemitério e redigiram o texto acima⁴. A questão era dirimir qualquer dúvida quando a ocorrência de uma *morte não natural*, de um crime. Sendo natural o “que pertence

à Natureza, conforme a sua ordem e curso ordinário” (Silva, 1813, p. 335). Do contrário, a polícia teria em suas mãos um delito a investigar, um falecimento decorrente de uma causa externa, possivelmente um ato violento.

Os peritos indicados descartaram a *ferida na cabeça* como causa da morte – o que demandaria uma investigação mais minuciosa – e atribuíram aos roedores que frequentavam o cemitério pelotense a carência de carne do cadáver. O cadáver do *preto que parecia crioulo* deve ter sido *desovado* pelo seu senhor, querendo com isso desonerar-se do custo de um enterro digno. Dificilmente parceiros de cativeiro abandonariam o cadáver de um semelhante sem um tratamento adequado, abandonando-o aos rotineiros famintos habitantes do campo santo. A autoridade policial, após aparentar eficiência e preocupação, tratou de enterrar o insepulto cadáver em uma cova rasa e o caso ficou esquecido.

As fontes que focam a morte de cativos (documentação policial, eclesiástica, jornais, processos crimes, etc.) se manipuladas com rigor metodológico, sensibilidade analítica e um adequado suporte teórico, podem ser usadas como vias de acesso ao entendimento da sociedade escravista oitocentista. É o que pretendemos expor nestas breves notas de pesquisa, cruzando duas pesquisas que se desenvolvem simultaneamente no PPGH da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, abordando duas das povoações mais importantes do período na Província do Rio Grande de São Pedro: Porto Alegre e Pelotas.

Pretendemos expor brevemente a potencialidade que temos vislumbrado nos registros de óbitos de escravos, tomando como variáveis a faixa etária, o gênero, a origem (os grupos de procedência), a causa da morte. Como o viés é nitidamente comparativo, recortamos os dados já levantados para ambas as cidades da província, ao longo dos anos de 1830 e 1850. Temos, para estes anos, 1.675 falecimentos para Pelotas e 4.701 para Porto Alegre. Os registros de óbitos de escravos da primeira localidade encontram-se custodiados e preservados no Arquivo da Cúria Diocesana de Pelotas⁵ e os da segunda no Arquivo da Cúria Metropolitana de Porto Alegre⁶.

No ano de 1812, ocorreu a fundação da freguesia de São Francisco de Paula, futura cidade de Pelotas. Segundo Simão (2002, p. 56) a freguesia de São Francisco de Paula nasceu urbanizada. Durante o século XIX, essa região foi um expressivo polo produtor de charque, fator que lhe proporcionou um crescimento rápido. Cabe ressaltar que, além da economia baseada no charque, havia a produção de tijolos nas olarias, estâncias e chácaras, onde o emprego de escravos se fazia presente. No ano de 1830, a freguesia de São Francisco de Paula é elevada a categoria de *Vila*. Conforme o historiador

Caiuá Al-Alam (2008, p. 53), Pelotas já contava neste ano com 500 prédios urbanos e uma população total de livres em torno de 4.300 pessoas, sendo 3.000 no perímetro urbano e 1.300 no perímetro rural. Em 1833, de acordo com o censo feito pela Câmara Municipal, havia 10.040 pessoas, sendo 5.169 escravos, 1.136 libertos e 3.555 livres e 180 índios. Posteriormente, em 1835, a então Vila de São Francisco de Paula passou a ser denominada como cidade de *Pelotas*.

Em 14 de novembro de 1822, a Vila de Porto Alegre foi elevada à categoria de Cidade. Além do aparato administrativo executivo e legislativo provincial, a capital possuía um setor econômico caracterizado por atividades comerciais diversificadas, pequeno artesanato e uma área suburbana e rural com propriedades rurais de diferentes dimensões. Lembremos que as freguesias de Nossa Senhora dos Anjos da Aldeia e Viamão faziam parte de sua circunscrição municipal. No ano de 1807, Porto Alegre e suas freguesias possuíam uma população total de 9.886 pessoas, sendo 3.415 escravos (34,5%) e 887 libertos (8,9%) (Aladrén, 2008, p. 13).

Já o censo populacional mandado proceder pelo Chefe de Polícia interino Luiz Alves de Oliveira Bello, que abrangia as paróquias de Nossa Senhora Madre de Deus e a de Nossa Senhora do Rosário, em 1856, apontava um total de 17.226 habitantes, distribuídos em 12.080 livres (70,12 % do total) e 5.146 cativos (29,88 %) (AHRS, Estatística, maço 2).

O levantamento dos registros de óbitos de escravos de Pelotas e Porto Alegre demonstra a diferença populacional de ambas as povoações, como podemos ver na Tabela 1.

A primeira observação que salta à vista é uma característica comum aos registros de óbitos compulsados – a falta de padronização das informações inseridas nestas anotações. Em 34% dos registros de óbitos de Pelotas e em 13,36 % dos de Porto Alegre foi impossível saber se se referiam a crioulos ou africanos, apesar da maior competência e cuidado das autoridades eclesiásticas da capital da Província (Vide, 2007).

Certamente tivemos muito mais mortes de cativos neste período do que os registrados nas cúrias, afinal o sub-registro foi usual. As autoridades civis e religiosas denunciavam frequentemente que as estâncias e charqueadas possuíam necrópoles próprias, onde os cativos eram enterrados, contando apenas com o apoio religioso de seus parceiros de senzala.

De qualquer maneira, esta fonte eclesiástica nos permite algumas considerações. Salta aos olhos a elevada africanidade dos cativos falecidos – 29,8 % para Pelotas e 41,64 % para Porto Alegre. Como o marco cronológico que optamos abarca justamente o período entre a

⁵ AHCDPE. Endereço: Praça José Bonifácio, Pelotas (RS).

⁶ AHCMPA. Endereço: Rua do Espírito Santo, nº 95, Porto Alegre (RS).

Tabela 1. Origem dos escravos falecidos em Pelotas e Porto Alegre (1830/1850).**Table 1.** Origin of the slaves who died in Pelotas and Porto Alegre (1830/1850).

Origem	Números		%	
	Pelotas	Porto Alegre	Pelotas	Porto Alegre
Africanos	497	1.958 ⁷	29,8	41,64
Crioulos	606	2.116	36,2	45,00
Não consta	572	628	34,0	13,36
Total	1675	4.702	100	100

Fonte: AHCMPA (Livros 3, 4 e 5 de Óbitos da Catedral de Porto Alegre); AHCDPE (Livros 1 e 2 de Óbitos da Catedral São Francisco de Paula).

lei antitráfico de 1831 e o fim definitivo do comércio internacional de escravos em 1850, podemos perceber como era considerável o número de africanos, comprados apressadamente pelos senhores no afã de um fornecimento externo em vias de ser estancado. Voltaremos a esta população africana adiante, mas cabe destacar que, se contabilizarmos apenas os registros em que se pode ver com clareza a origem dos falecidos, temos um equilíbrio entre a africanidade de Pelotas e da Capital.

Considerando a variável sexo, temos uma população cativa com um elevado índice de masculinidade: em Pelotas, os homens representaram 64,6% do total dos falecimentos, e as mulheres, 35,4. Em Porto Alegre, os varões mortos eram 57,57%, e as mulheres, 42,43. Cruzando as variáveis sexo e origem, temos os dados apresentados na Tabela 3.

Considerando os dados da Tabela 3, percebemos uma diferença entre os sexos dos indivíduos mortos, que

espelha a composição da população em geral. Os crioulos apresentam equilíbrio em ambas as cidades: os dados de Porto Alegre contabilizam 51,32% de homens e 48,68% de mulheres nascidos no Brasil, e os de Pelotas 53,96 e 46,04%, respectivamente. Já entre os africanos, percebemos o impacto de um tráfico internacional que privilegiava as mercadorias masculinas: 66,9% dos óbitos de africanos de Porto Alegre eram varões e 33,1 *fêmeas*, enquanto em Pelotas os números ficavam ainda piores, 74,45% de homens e 25,55 de mulheres.

Esta breve nota de pesquisa que ora desenvolvemos versou sobre o tema da saúde e da morte, referente à população escrava de Porto Alegre e Pelotas, no período de 1830 a 1850. Nosso objetivo foi esboçar a potencialidade dos registros de óbitos de cativos como fonte e apontar brevemente as vantagens de uma análise comparativa, para o estudo da sociedade escravista dos oitocentos.

Tabela 2. Óbitos de escravos crioulos e africanos de Pelotas e Porto Alegre (1830/1850).**Table 2.** Deaths of Creoles and African slaves from Pelotas and Porto Alegre (1830/1850).

Origem	Números		%	
	Pelotas	Porto Alegre	Pelotas	Porto Alegre
Africanos	497	1.957	45,05	48,06
Crioulos	606	2.115	54,95	51,84
Total	1.103	4.072	100	

Fonte: AHCMPA (Livros 3, 4 e 5 de Óbitos da Catedral de Porto Alegre); AHCDPE (Livros 1 e 2 de Óbitos da Catedral São Francisco de Paula).

Tabela 3. Origem e gênero dos óbitos de escravos de Pelotas e Porto Alegre (1830/1850).**Table 3.** Origin and gender of the dead slaves from Pelotas and Porto Alegre (1830/1850).

	Homens		Mulheres	
	Pelotas	Porto Alegre	Pelotas	Porto Alegre
Africano	370	1.310	127	648
Crioulo	327	1.086	279	1.030
Total	697	2.397	406	1.678

Fonte: AHCMPA (Livros 3, 4 e 5 de Óbitos da Catedral de Porto Alegre); AHCDPE (Livros 1 e 2 de Óbitos da Catedral São Francisco de Paula).

⁷ Colocamos entre os africanos o pardo argentino (de Corrientes) Justo, de 30 anos de idade, falecido em 16/12/1845 de moléstia interna, escravo de Antonio José da Silva (AHCMPA, Livro 5 de Óbitos de Escravos da Catedral, folha 172v.).

Tabela 4. Causas das mortes de escravos de Pelotas e Porto Alegre (1830/1850).**Table 4.** Death causes of slaves from Porto Alegre and Pelotas (1830/1850).

Tipo de doença	Porto Alegre	Pelotas
Mal definida	1.207	372
Infecto	1.143	249
Primeira infância	1.115	14
Sistema digestivo	548	130
Sistema respiratório	216	156
Sistema nervoso	184	28
Morte violenta	150	78
Doenças da pele e do tecido celular subcutâneo	52	27
Gravidez, parto	31	17
Não consta	24	594
Doenças reumáticas	15	05
Sistema circulatório	14	04
Sistema geniturinário	2	01
Total	4.702	1.675

Fonte: AHCMPA (Livros 3, 4 e 5 de Óbitos da Catedral de Porto Alegre); AHCDPE (Livros 1 e 2 de Óbitos da Catedral São Francisco de Paula).

Referências

- ALADRÉN, G. 2008. *Liberdades negras nas paragens do Sul: alforria e inserção social de libertos em Porto Alegre, 1800-1835*. Niterói, RJ. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal Fluminense, 196 p.
- AL-ALAM, C.C. 2008. *A negra força da princesa: polícia, pena de morte e correção em Pelotas (1830-1857)*. Pelotas, Sebo Icária, 216 p.
- MOREIRA, P.R.S. 2009. *Entre o deboche e a rapina: os cenários sociais da criminalidade popular (Porto Alegre – século XIX)*. Porto Alegre, Armazém Digital, 325 p.
- SILVA, A. de M. 1813. *Dicionário da língua portuguesa*. Lisboa, Tipografia Lacérquina, 806 p.
- SIMÃO, A.F. 2002. *Resistência e acomodação: a escravidão urbana em Pelotas (1812-1850)*. Passo Fundo, Editora da UPF, 153 p.
- VIDE, D.S.M. da. 2007. *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia*. Brasília, Ed. do Senado Federal, 526 p. (Edições do Senado, vol. 79).

Fontes primárias

- ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL (APERS). Auto de Exame de Corpo de Delito. Processo de número 132, Maço 4A, Estante 36.
- ARQUIVO HISTÓRICO DO RIO GRANDE DO SUL (AHRs). Estatística, maço 2.
- ARQUIVO HISTÓRICO DA CÚRIA DIOCESANA DE PELOTAS (AHCDPE). Livros 1 e 2 de Óbitos da Catedral São Francisco de Paula
- ARQUIVO HISTÓRICO DA CÚRIA METROPOLITANA DE PORTO ALEGRE (AHCMPA). Livros 3, 4 e 5 de Óbitos da Catedral de Porto Alegre.

Referências complementares

- CHERNOVIZ, P.L.N. 1890. *Dicionário de medicina popular e das sciencias accessarias para uso das famílias*. 6ª ed., Paris, A. Roger & F. Chernoviz, 1356 p.
- COSTA, I. del N. da. 1976. Vila Rica: mortalidade e morbidade (1799-1801). In: M. BUESCUE; C.M. PELÁES (coords.), *A moderna história econômica*. Rio de Janeiro, APEC, p. 115-127.
- KARASCH, M.C. 2000. *A vida dos escravos no Rio de Janeiro – 1808/1850*. São Paulo, Companhia das Letras, 643 p.
- LANGAARD, T.J.H. 1872. *Dicionário de medicina doméstica e popular*. 2ª ed., Rio de Janeiro, Laemmert & Cia., 699 p.
- NADALIN, S.O. 2004. *Historia e Demografia: elementos para um diálogo*. Campinas, Associação Brasileira de Estudos Populacionais/ ABEP, 241 p.
- PETIZ, S. de S. 2007. Enfermidades de escravos no Sul do Brasil. In: Â. PORTO (org.), *Doenças e escravidão: sistemas de saúde e práticas terapêuticas*. Rio de Janeiro, Casa Osvaldo Cruz.
- SOUSA, J.P. de. 2003. Anotações a respeito de uma fonte: os registros de óbitos da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro, século XIX. *Cadernos Saúde Coletiva*, XI(1):33-58.

Submetido em: 31/08/2010

Aceito em: 31/08/2010

Paulo Roberto Staudt Moreira
Universidade do Vale do Rio dos Sinos
Av. Unisinos, 950, Cristo Rei
93022-000, São Leopoldo, RS, Brasil

Natália Garcia Pinto
Universidade do Vale do Rio dos Sinos
Av. Unisinos, 950, Cristo Rei
93022-000, São Leopoldo, RS, Brasil